

# Apresentação

Este número inicial da **Revista do Museu Lasar Segall** divide-se em três conjuntos. Na seção *Artigos Livres* são apresentados artigos e ensaios que tratam de temas ligados à história da arte, estética e a aspectos da trajetória do Museu Lasar Segall.

**VERA D'HORTA** procura em pinturas emblemáticas os “significados consensuais” que se formaram em torno do modernismo paulista, alongando o olhar no caminho percorrido entre 1920 e 1940. Surpreende nesse exercício algumas “mudanças de rumo e de conceito” do modernismo, em especial um desejo de maior aproximação com o público, traduzindo uma preocupação com as questões sociais e políticas da época e o abandono da postura iconoclasta dos anos iniciais.

O ensaio de **ALLAN LOURENÇO** inscreve-se num conjunto crescente de estudos em torno da obra de Lasar Segall que considera os efeitos dos deslocamentos e migrações na formação de sua identidade artística. Para citar apenas alguns, aproxima-se dos de Monica Schpun, Geraldine Meyer, Melanie Vietmeier e Stephanie D'Alessandro. Lourenço procura demonstrar os impactos das migrações em um duplo espectro: pelo “movimento objetivo da história” e pelo “deslocamento subjetivo das simbologias”. A condição de judeu responde e exemplifica essa dualidade: ser judeu era pertencer a uma determinada realidade nacional, e, ao mesmo tempo, viver uma situação subjetiva descolada de um lastro territorial. Lourenço demonstra que, para Segall, a identidade judaica não o confinava a um grupo particular, mas o levava a encontrar o universalismo que permeia tudo o que é humano. Dessa forma, certas experiências particulares do universo judaico – como o desterro e a perseguição – são tratadas por Segall como crises universais da condição humana.

**PRISCILA SACCHETTIN** investiga um aspecto menos conhecido da produção de Jorge de Lima (1893-1953): as colagens realizadas entre 1930 e 1940. A autora procura vestígios da pesquisa visual de Lima em sua escrita e inquire sobre os móveis que levaram o poeta alagoano à produção daquele conjunto de colagens. Ela aponta que tais colagens destoam não apenas do conjunto da obra limiana, como se constituem num corpo estranho no panorama da própria arte brasileira. Na literatura e na pesquisa visual, Lima organiza a expressão em fragmentos que se recusam a colaborar com o utili-

tarismo da linguagem, abrindo-se a sentidos ocultos, associações e possibilidades inesgotáveis. Uma opção poética que é também ética: para a autora, a produção de Jorge de Lima buscava romper com o regime de sentidos unívocos, o que sinaliza um combate à mentalidade fascista em ascensão no período de produção das fotomontagens.

**DIVINO SOBRAL** oferece uma contribuição para a compreensão do modernismo em Goiás. Periodizando a trajetória cultural da região, mapeia as personalidades, acontecimentos e obras fundamentais, estabelecendo uma visão de conjunto do fenômeno. Ao mesmo tempo, discute interpretações enviesadas do processo artístico goiano, recusando a ideia de *atraso* que marca certas produções bibliográficas. Sobral demonstra que a cultura da região se moveu em harmonia com temporalidades específicas de sua realidade social e econômica. O texto de Divino Sobral insere-se num conjunto maior de análises e ensaios publicados pelo autor nos últimos anos, responsáveis por uma reinterpretação e aprofundamento da compreensão da trajetória cultural do Centro-Oeste. Os escritos de Sobral emanam de uma perspectiva que conjuga a sensibilidade do olhar do artista, a visão de conjunto do curador e a erudição do historiador da arte que mergulha em arquivos históricos.

**ANNATERESA FABRIS** contribui com uma análise minuciosa da exposição *Histórias das mulheres*, que esteve em cartaz entre agosto e novembro de 2019 no Museu de Arte de São Paulo. Registrando presenças e, sobretudo, enfatizando *ausências*, Fabris acaba por delinear em seu texto a imagem de uma exposição que poderia (e deveria, em sua opinião) ter sido mais abrangente. Ela percorre a história da arte Ocidental enumerando artistas que deixaram de ser consideradas na mostra, além de censurar o silêncio sobre certas modalidades de expressão artística, deixadas de fora pela concentração excessiva na linguagem da pintura. Fabris convoca as curadoras a pensarem na formação do público brasileiro, aproveitando a temática da exposição para discutir as constrições experimentadas por mulheres artistas ao longo do tempo, observando processos de formação, relações com os comitentes e mecenas e sua presença (ou ausência) nos escritos dos historiadores da arte de ontem e de hoje.

**DANIEL RINCON CAIRES** apresenta um levantamento documental realizado no acervo do DEOPS (Departamento de Ordem Política e Social) custodiado no Arquivo Público do Estado de São Paulo. Interessou ao autor observar a presença do Museu Lasar Segall nessa documentação. O levantamento apontou uma desconfiança persistente – que atravessou o século XX – das polícias políticas brasileiras com as *classes perigosas*, representadas pelos intelectuais

progressistas. Desde os anos 1930 até o limiar do século XXI, Lasar Segall, seu filho Mauricio Segall e mesmo o Museu fundado em 1973 pela família do falecido artista foram sistematicamente espionados e perseguidos pelos agentes a serviço da repressão. A narrativa que nasce dessa análise documental evidencia a continuidade das ideias de repressão e controle que servem à manutenção do *status quo* da sociedade brasileira.

Um segundo segmento da revista está dedicado ao eixo temático **Território, trabalho e moradia**. São sete contribuições que procuram abordar aspectos da formação do território e suas articulações com a exploração do trabalho e a constituição de um processo de segregação habitacional. Esse dossiê surgiu do contato da equipe do Museu Lasar Segall com a luta da **Comunidade Sousa Ramos**, localizada na Vila Mariana há mais de 50 anos, atualmente ameaçada de remoção sumária para a construção de uma controversa obra viária. Em busca da história da Sousa Ramos, em conversas com seus moradores e com ativistas ligados à causa do direito à moradia, acabamos descobrindo uma rica produção científica sobre as etapas históricas da produção do espaço urbano, pontilhada por processos de expulsão e segregação, desde o período colonial até o século XXI. Com a intenção de compreender as etapas desse processo de construção de uma cidade desigual e excludente, procuramos reunir estudos que tratam desses aspectos a partir de perspectivas e temporalidades específicas.

Partindo do caso específico de seus pais, **TAYNÁ ALMEIDA DE PAULA** se lança em reflexões amplas sobre possibilidades metodológicas na pesquisa acadêmica. O ingresso prematuro de Vanderleia e Fernando no universo do trabalho, patenteado em seus semblantes infantis nas fotos de suas carteiras de trabalho, abre a oportunidade para discutir processos de submissão e exploração e, ao mesmo tempo, localizar vestígios de resistências e agências inscritos no próprio instrumento que simboliza essa submissão. A análise sensível de Paula encerra-se com um exercício de releitura desses vestígios, resultando num olhar que extrapola a aridez dos textos acadêmicos tradicionais e se desloca para o campo da arte, com suas possibilidades quase inesgotáveis de leituras.

**FÁBIA BARBOSA RIBEIRO** reconstitui uma São Paulo em que pessoas negras, africanos e seus descendentes, escravizadas, forras ou livres, se confundiam na faina cotidiana dos chafarizes e quitandas, estabelecendo as bases de uma existência autônoma, construindo pedaços de liberdades em meio à vigilância das autoridades. Populações que lastreavam suas identidades individuais em instituições como as irmandades negras e que ancoravam seus pertencimentos

em prédios semeados na paisagem urbana, erigidos por conta de seus esforços coletivos, como a Igreja da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, implantada desde o século XVIII no Largo do Rosário, região atualmente conhecida como Praça Antônio Prado. A mudança de nome, aliás, simboliza o processo de remoção e tentativa de apagamento dessa presença negra: o responsável final pela demolição do templo do Rosário demarcou sem pudor a área tomada a pulso com o seu próprio nome de família... A autora encerra sua análise com uma nota instigante: não lamenta a expropriação e o apagamento porque, observando a dinâmica contemporânea daquela região, registra presenças de “herdeiros daqueles irmãos pretos expropriados,” ocupando de fato o espaço que sempre fora deles. Dessa forma, “a irmandade ainda está lá” e resiste.

**CAROLINA GOMES DOMINGUES** aborda o tema dos cortiços na cidade de São Paulo, estendendo o olhar sobre o caso específico da *Vila Barros*, complexo de moradias coletivas que se formou no vale do Córrego do Bexiga entre o começo do século XX e a década de 1940. Analisando as relações entre os agentes envolvidos no caso - o proprietário do terreno, o poder público, os engenheiros e médicos preocupados com o urbanismo e a população que buscava moradia nos cortiços - a autora revela a lógica do processo de constituição do espaço urbano paulistano. Emerge do artigo a imagem de uma cidade onde os interesses privados suplantam as necessidades coletivas e administrativas, onde desponta a formação e a hegemonia de uma ideologia higienista dirigindo os desenvolvimentos da cidade e onde resta à população trabalhadora submeter-se a esse estado de coisas, submissão atenuada pelo exercício de astúcias capazes de fornecer bases para a resistência e a recriação da realidade em termos mais favoráveis.

**MARINA LUNA e CAMILA GAMA** contribuíram nesta edição com um relato jornalístico da situação atual da Comunidade Sousa Ramos, na Vila Mariana. Elas captam não apenas as dores de uma coletividade ameaçada pela remoção em função de uma obra viária polêmica, cara e desnecessária, como também desvendam com delicadeza e arte a pujança de uma comunidade liderada por mulheres organizadas em luta. Remanescentes do processo de periferização que se abateu sobre a população trabalhadora ao longo do século XX, essas mulheres líderes de famílias resistem há décadas, em pleno coração de uma das áreas mais valiosas de São Paulo, a todas as tentativas de esmagamento, desqualificação e remoção. Luna e Gama empreendem uma pequena experiência etnográfica e nos apresentam os princípios da formação e os códigos da existência dessa comunidade constantemente ameaçada, mas sempre resistente e feliz.

**HENRIQUE SIQUEIRA** nos apresenta um panorama da produção da fotógrafa *Marcia Alves*, num texto que percorre os principais projetos desenvolvidos por ela em sua carreira, iniciada na década de 1980. Siqueira enfatiza a preocupação social da fotógrafa e trata também da história da formação do Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo.

**MARCIA ALVES** apresenta um conjunto de fotografias realizadas nos anos 1990, no contexto de um trabalho de pesquisa empreendido junto à Prefeitura Municipal de São Paulo, na gestão de Luiza Erundina. Naquela ocasião, cientistas sociais, historiadores e fotógrafos saíram a campo com a missão de compreender e registrar a diversidade de formas de morar, viver e existir na capital paulista. As fotos de Alves traduzem a cumplicidade que se estabelece entre a fotógrafa e seus retratados e a sensibilidade do olhar que prefere se dirigir a aqueles que são geralmente ignorados pelas lentes.

**ROBERTA DABDAB** contribui com uma reflexão aprofundada sobre conceitos da antropologia contemporânea, que ela transplanta, adapta e aprofunda na análise de um estudo de caso envolvendo fotografia, espacialidade e populações da periferia de São Paulo.

Num texto que reconstitui sua trajetória profissional e artística, entremeado por fotografias e reproduções de várias de suas obras, **ROSA ESTEVES** apresenta os temas centrais que movem o seu fazer artístico. Explorando diversas linguagens - fotografia, gravura, livro de artista, objeto escultórico e performance - Esteves investiga questões ligadas ao ser feminino, em sua materialidade corporal e na sua travessia pelo tempo, numa produção fortemente ancorada nas experiências autobiográficas. A natureza é acionada pela artista, que encontra nela um repertório material e simbólico capaz de dar corpo aos seus achados. Seja na argila que forma a matriz esférica, na areia que sustenta suas gravuras-objetos ou nas formas naturais de uma simples concha, símbolo quase espontâneo da vulva, a natureza complementa, espelha e manifesta as imagens interiores de Esteves. A artista atinge uma síntese entre material e conceitual ao desenvolver a matriz esférica. Enfatizando o sentido radical da palavra "matriz", ela reflete sobre uma certa capacidade assimétrica de reprodutibilidade: ambas as matrizes - o corpo e o objeto que gera obras de arte, se recusam a produzir sempre o mesmo, oferecendo uma eterna abertura para o incerto e para a aventura.

A contribuição de **ROSA ESTEVES** compõe o primeiro **Ensaio Visual da Revista do Museu Lasar Segall**, que nessa nova série pretende apresentar periódica e regularmente a produção de artistas contemporâneos.

Todos os artigos e ensaios publicados neste número resultaram de convites feitos às autoras e autores. Nas próximas edições, uma vez estruturada a Revista, pretendemos receber contribuições espontâneas feitas através de nosso portal, a serem avaliadas pela equipe editorial ou pareceristas.

Gostaríamos de agradecer imensamente às autoras e autores que contribuíram para a realização deste número inicial da Revista, pessoas que acreditaram no projeto e que produziram esse conteúdo tão valioso que, esperamos, circule, provoque e estimule reflexões e novas pesquisas.

Desejamos agradecer também aos profissionais que permitiram que essa publicação se viabilizasse em sua “materialidade eletrônica”, em especial a **Marcos Sigismundo da Silva** e **Ademir Maschio**, que criaram a nossa plataforma OJS, a **Alexandra Terzian**, designer responsável pela linguagem visual da Revista, que trabalhou voluntariamente neste projeto, bem como aos fotógrafos **Marcia Alves** e **Marcelo Simonka**, que igualmente se voluntariaram para a produção da Revista.

Finalmente, gostaríamos de reconhecer nossa gratidão para com as pessoas que intermediaram a relação com instituições custodiadoras de acervos, auxiliando-nos na busca, localização e autorização para uso das imagens que ilustram esse número: **Elton Bueno de Toledo**, do Núcleo de Museologia e Acervos Municipais; **Valdemar de Moraes Silva**, do Arquivo Histórico Municipal; **Marília Bovo Lopes**, da Divisão de Acervo e Curadoria do Museu de Arte Contemporânea da USP; **Alexandre Eymard de Souza**, do Arquivo Público do Estado de São Paulo; **Gisele Garcia**, do Museu da Imagem e do Som de Goiás; **João Candido Portinari**, do Projeto Portinari; **Bruno Cezar Mesquita Esteves**, do Centro de Pesquisa do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand/MASP e **Luiz Fernando Hirayama**, do Arquivo Edgard Leuenroth.

BRUNO DOMINGUEZ  
DANIEL RINCON CAIRES  
PAULO PENNA